



NA PARADA AGRÍCOLA DE FAMILICÃO: O CARRO DA AGRICULTURA

N.º 334 Lisboa, 15 de Julho de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno, 48800—Semestre, 24000—Trimestre, 12000

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



# Ah!... Somatose líquida!!

As creanças fracas assim como as jovens anemicas e nervosas devem tomar, pois o exito é certo, a admiravel

## SOMATOSE LIQUIDA

A SOMATOSE LIQUIDA, desenvolve o appetite, regula e ajuda a digestão, e fôrma sangue novo e rico, influenciando por isso o estado geral da nutrição.

Symptomas taes como: palpitações do coração, canção, fraqueza nas pernas, etc. desaparecem, e em vez d'isto volta a alegria de viver e melhora o estado geral. Estas melhoras são reconheciveis exteriormente por augmento de peso, desenvolvimento de formas, e bello parecer.

A SOMATOSE LIQUIDA encontra-se á venda em todas as boas phar-macias e drogarias.

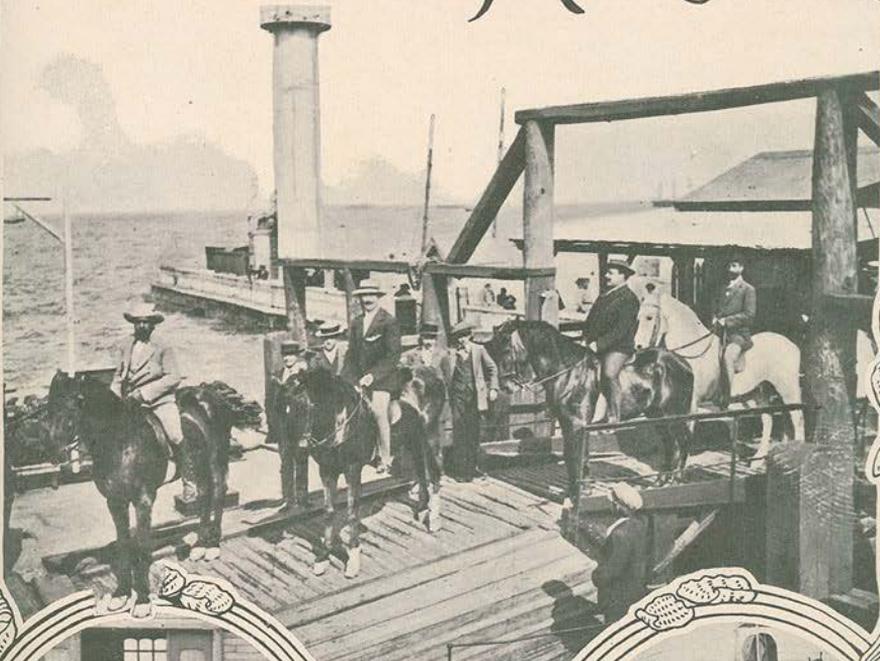
EXIGIR SEMPRE A EMBALLAGEM ORIGINAL MARCADA

COM A

**CRUZ DE BAYER**



# O DOMINGO NO SEJO



1 — Cavaleiros desembarcando na ponte em Caeilhas  
2 — Os que vão mendigar.  
3 — Forasteiros desembarcando na ponte



Aos domingos, a Lisboa que, durante uma longa semana, mourejou nas fabricas, nas officinas, nos estabelecimentos de commercio, procura, sempre que póde, e principalmente quando chega

o verão com os seus dias grandes e belos, desencalmar-se nos suburbios, encher os pulmões de ar tonificante, deliciar-se na contemplação sonhadora dos extensos horisontes e refazer as energias que o contacto com a natureza apura e exalta... A cidade é um forno, os arredores são um refrigerio, ainda que não passemos dos sitios celebrados de fóra de portas, hoje em parte incluidos dentro do novo perimetro da capital. O exodo dos domingos, que afasta de Lisboa por algumas horas dezenas de milhares dos seus habitantes, aumenta de ano para ano, constituindo uma necessidade imposta por habitos de higiene que felizmente se desenvolvem e radicam até nas mais modestas camadas. As excursões anuaes, que se faziam sob pretextos na apparencia reli-



gjosos, não desaparecem facilmente, mercê da força da tradição, mas já cederam o passo a outras mais frequentes e pautadas por um critério sem duvida superior em largueza e proficuidade.

As romarias, com todo o seu deslumbrante pitoresco, movimentadas, ruidosas, coloridas, fazendo deslocar mós de gente n'um circulo de muitas leguas de raio, confluindo n'um ponto em que o negocio e a devoção—que tambem é



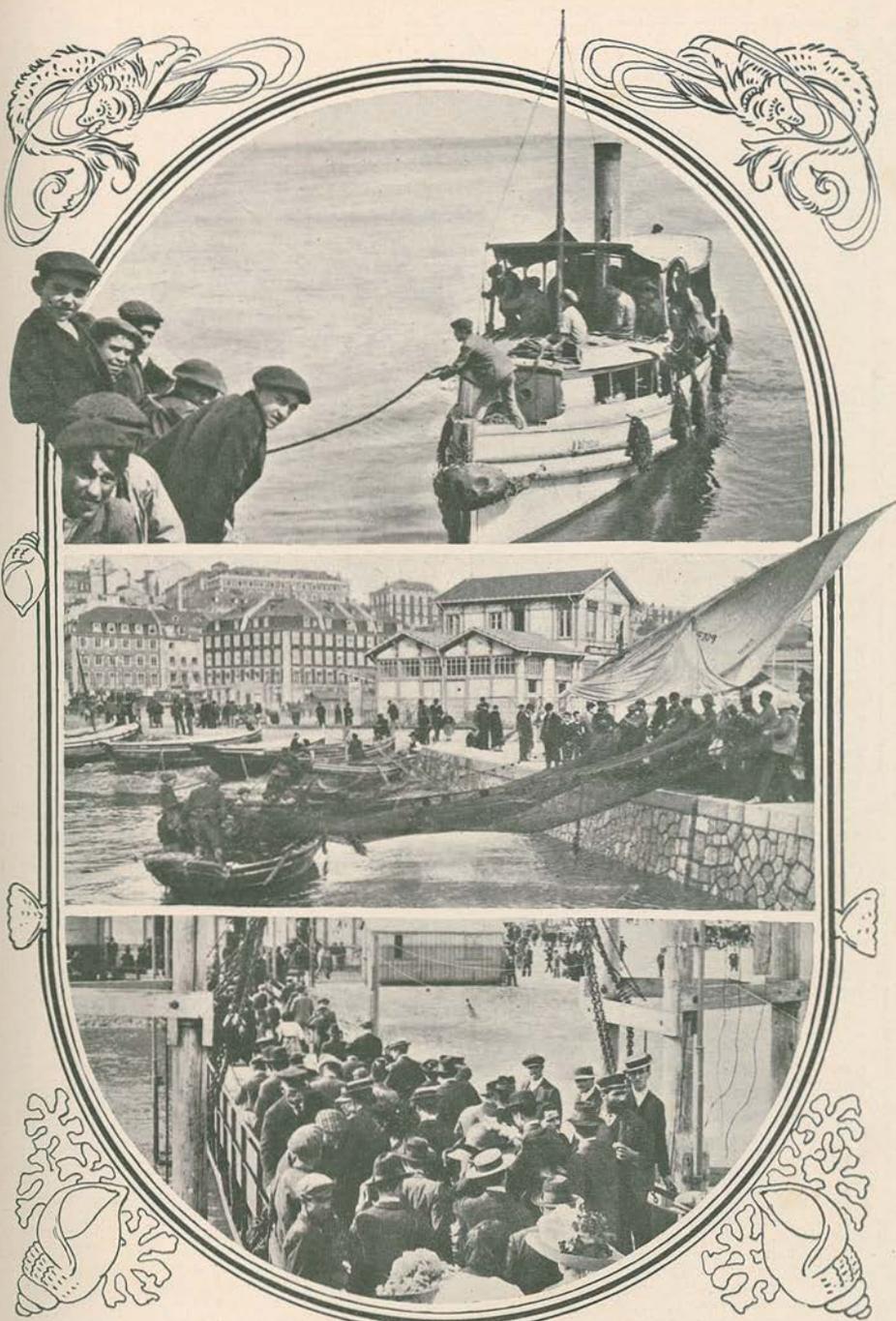
mento de corpo e espirito cujas vantagens o povo, por via de regra, já aprecia no seu justo valor. Para sair de Lisboa, não se fica mais aguardando o Senhor da Serra, por exemplo. Os comboios da linha de cintura, como os das Cintra e Cascaes, golfam em cada domingo nas estações do itinerario ranchos numerosissimos de familias que, com os seus farneis, vão em busca da melhor som-



1—Os pequenos vaporer da carreira que vão com a borda quasi debaixo d'agua até Cacilhas. 2—A compra dos bilhetes no Caes Sodré. 3—O homem do leme do vapor de Cacilhas. 4—O embarque: Passeantes e gente de trabalho entrando para o vapor de Cacilhas.

um negocio—se casam á maravilha, revestem ainda agora um carater que se não confunde com o das excursões de hoje, orientadas n'um sentido muito diverso, pois que tendem—ou devem tender—a um sanea-

bra na estancia mais diletta. A Atalaa, com os cirios lisbonenses embarcando em faluas no Terreiro do Paço, decaiu e pôde dizer-se que morreu; no entanto o movimento no Tejo aos domingos foi crescendo e pôde



1—A atracação d'um pequeno paquete. 2—Um aspecto do Tejo junto do caes. 3—A volta.

dizer-se que os vapores da Parceria e outros que fazem a travessia fluvial transportam em media doze mil pessoas, quando não succede, como recentemente ainda, utilisarem-se d'elles na mesma tarde cerca de dezoito mil passageiros...

E que delicioso passeio não é por si só a rapida, encantadora viagem n'um d'esses vaporsinhos que sulcam o estuario magnifico e do Caes do Sodré nos vão desembarcar, após uma larga e elegante curva, no pontal de Cacilhas? Bastaria o espetáculo soberbo da cidade

vista de bordo para o justificar. Nunca houve viajante, por muito familiarizado com esse grandioso e inolvidável panorama, que não sinta n'ele os olhos presos e o não contemple com a comovida surpresa da primeira hora. Ha cem anos, a duquesa de Abrantes, em todo o esplendor das suas graças, da sua intelligencia e do prestigio do seu nome, atravessava o Tejo vinda de Aldegallega em direção a Lisboa, após haver percorrido a aridez da planicie alemtejana. Ao re-

a mulher de Junct em face de Lisboa vista do Tejo e traduzia tambem o seu assombro em periodos d'um autentico relevo literario. Semelhantes impressões são as de todos os espectadores ainda os mais insuspeitos de amorosa cegueira pelo rincão portuguez...

Henri Fielding, chegando ao Tejo em 1755, assombrava-se perante a vista panoramica de Lisboa; William Beckford registava na sua espirituosa correspondencia as mesmas impressões; By-



1—Na hora do embarque, 2 e 3 Na estação do Caes Sodré.

digir, mais tarde, as suas memorias, vibra de entusiasmo quando alude á magestosa imponencia do cenario, d'uma beleza unica, que é Lisboa assente, como Roma, nas suas sete colinas. «Nada mais bello—escrevia—e, exceto Napoles, coisa alguma vi que tamanha admiracao me causasse...» Ha poucos dias, outra viajante estrangeira, acobertada com um pseudonimo e não poupando á nossa terra criticas injustas, entusiastava-se como

4—Saída da ponte á volta de Caçilhas



ron, tão justamente indignado contra a imundicie citadina, mar a vilhava-se ao ver Lisboa flutuante, espelhada sobre as aguas do porto magnifico, ás quaes a ficção dá por fundo areias de ouro, e o alemão Link, tambem nada complacente para conosco, foi obrigado a declarar «não ter meio de contradizer os portuguezes quando eles, passeando no Tejo, se gabam de possuir a mais



bela cidade do mundo», porque «em parte alguma se admirará panorama semelhante!»

A travessia do Tejo, no entanto, faz-se talvez menos pelo que tem de atraente o espetáculo de Lisboa vista de bordo—tão famoso como o de Nápoles e o de Stambul—do que pelo recreio que oferece a outra margem cujos sítios contam frequentadores inúmeros. Cacilhas, com os seus clássicos burricos, célebres como os de Cintra e sempre dispostos a sofrer os caprichos equestres de improvisados cavaleiros, desde que não os forcem a alillar o chouto; Almada, com o seu castelo d'onde se descortina um dos mais empolgantes quadros que a imaginação pôde conceber; a Cova da Piedade e os seus buliçosos retiros, onde se come e bebe, em mangas de camisa, sob os caraman-

cheis verdes das latadas; o Alfeite, cujas frescas, acolhedoras sombras são um apetecido refugio nas horas de intensa calma; a Trafaria, na época dos banhos, remirando-se na turqueza tremeluzente das aguas,—eis outros tantos pontos de excursão preferidos pelo lisboeta, que não tem tempo

nem dinheiro para se trasladar mais longe, nem para vilegiaturas nas estancias consagradas pelo bom tom...

Mas todo o movimento fluvial de milhares de pessoas, aos domingos, o que é na imensão do estuário incomparavel que abrigaria a um canto as maiores esquadras do mundo e em que algumas guias, canoas e outriggers mal deixam perceber, por vezes, que os *sports* nauticos, n'esta linda terra de ousados marinheiros, ainda conta devotos cultores?...



1—Deixando o vapor. 2—Esperando a abertura das bilheteiras. 3—Um rancho lisboeta. 4—O vapor das carreiras baratas

ESTRELAS DE PARIS  
GENEVIEVE VIX



Mademoiselle Geneviève Vix.



Geneviève Vix, quadro de J. Casaboeuf



Mademoiselle Vix na «Louise»

Na *Hora Hespanhola* como na *Manon*, na *Tosca* como na *Louize*, M.<sup>lle</sup> Genoviève Vix tem apresentado ao publico da *Opera-Comique* um excecional talento de comediante e as mais belas, mais seguras, mais educadas e mais brilhantes qualidades de cantora.

Em cada um dos papeis do repertorio que lhe distribuem, a illustre artista sabe encontrar um aspéto novo e o seu personagem, creado com infinita arte e meticuloso esmero apparece-nos sempre com um a de novidade tão encantador como inesperado.

Quer na *Manon*, a linda *Manon* de

Massenet, quer na *Louize* admiravel de Charpentier (para não citar mais que dois dos seus papeis habituaes) a sua interpretação desafia todos os confrontos e mesmo quando os não vence nem por isso d'eles saem os seus meritos diminuidos.

Sem duvida, entre o pessoal artistico da sala Favart o lugar de M.<sup>lle</sup> Vix é dos mais brilhantes, galhardamente conquistado pelo seu talento e pelo seu estudo.

Paris.  
R. de C.



Geneviève Vix



# FIGURAS E FACTOS



General sr. Antonio Carvalho, que comanda a 1.ª divisão desde a implantação da Republica e attingiu o limite de idade em 4 de junho.



Sr. Luiz José Frade de Almeida, funcionario superior das alfandegas, falecido em Lisboa.



Lapide tumular dos Alcoforados bejenses, encontrada pelo sr. Marcelino Gargulho n'uma cavaliaria de Beja onde se servia de manjedoura, e recentemente removida para o museu municipal da mesma cidade, onde ficou collocada ao lado de outros preciosos documentos archeologicos que ali se guardam. Esta interessante lapide sepulcral durante largos anos cobriu o corpo de sorôr Mariana Alcoforado, celebre freira do seculo XVII, sinatária d'essas famosas cartas de amor dirigidas ao francez Bouton de Chamilly.



Sr. Constancio Roque da Costa que se encontrava em Madrid como delegado tecnico do governo para auxiliar a negociação diplomatica do tratado de comercio hispano portuguez.



Dr. Armando Navarro, adido comercial á legação de Madrid, encarregado de substituir o sr. Constancio Roque da Costa.

Um grupo de estudantes do 4.º ano de medicina de Lisboa visitou, o mez passado, a pitoresca estancia thermal de Molledo, onde tiveram um carinhoso acolhimento por parte dos aquistas que ali se encontravam já em tratamento. Acompanha,



Uma visita dos estudantes do 4.º ano de medicina de Lisboa ás Caldas do Moledo. Sentados: 1.º dr. José de Mesquita, 2.º dr. Ademar Ferreira de Miranda, 3.º professor de medicina sr. Enrico Franco e sr. Miguel de Barros proprietario.

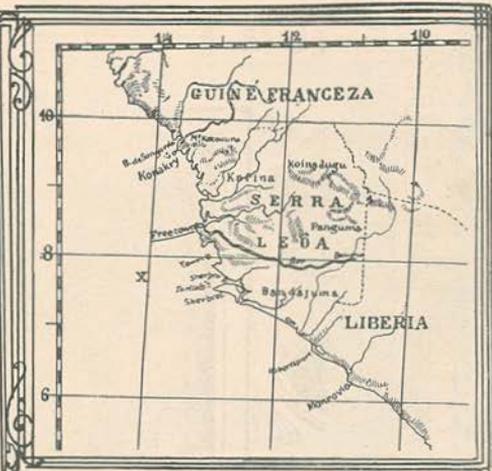
ram-nos em sua visita, dispensando-lhes todos os esclarecimentos e atenções, os srs. Miguel de Barros, proprietario d'aquelle estabelecimento, dr. Ademar Ferreira de Miranda, diretor chimico, e dr. José de Mesquita, medico em Fontelas.

7.6.1912

Rat. n. 742.

Long. n. 1404.

Suaes na obrigação de enviar  
 o seguinte texto de documento  
 Redacção de "O Seculo" Lisboa  
 Arthur Maria de Athayde e Mello  
 Othelino José Carneiro  
 Alfred Dreyerhardt  
 António Haeb Carneiro  
 José Fernandes da Funcha  
 Manuel Alentejo  
 Gustavo Marmora  
 S. M. C.



1— Documento lançado n'uma garrafa, de bordo do «Malange», para ser enviado ao «Seculo», por quem o encontrar. 2— Mapa indicando o ponto (X) onde foi lançada a garrafa. 3— Vapor «Malange», d'onde foi detida a garrafa. 4— Tenente-medico Artur Faria de Ataíde Melo, primeiro signatário do documento

O commissario de policia de Freetown, Serra Leoa, enviou ao *Seculo* um documento lançado ao mar dentro de uma garrafa, arrojada á costa e entregue áquella autoridade. Reproduzimos em fac-simile esse documento que, embora não tivesse a menor referencia a qualquer desastre, não deixou de causar inquietações por ser esse o meio de que se servem os desgraçados n'um lance de desespero para im-

plorarem um socorro quasi sempre tardio, ou enviarem aos que lhe são queridos um ultimo adeus antes de se engolfarem no abismo.

Felizmente que não tardou que se dissipassem logo as tristes apreensões, por se reconhecer que o primeiro signatário era o distinto tenente medico do exercito ultramarino, sr. Artur Faria de Ataíde Melo, passageiro do *Malange*, assim como os seus colegas signatarios. O documento foi lançado ao mar no dia 1 de junho passado, certamente á hora em que se fizeram as observações para determinar a posição do navio, e foi por ellas que

eles se regularam para marcar a longitude e a latitude.

A garrafa deu á costa no dia 14 e o *Seculo* recebeu o seu conteúdo no dia 1 de julho, isto é, quando as familias já tinham recebido noticia da chegada do *Malange* em 11 de junho a Loanda, para onde partira de Lisboa em 22 de maio.

O documento, pois, não passou de uma afetuosa e cativante lembrança enviada ao *Seculo* pelos que iam alegre e tranquilamente sobre as aguas do mar.



5—Raul Cezar Pereira, de 10 anos, aluno do centro democratico de São' Izabel, que obteve o primeiro premio da Sociedade Protetora dos animaes, de Lisboa.

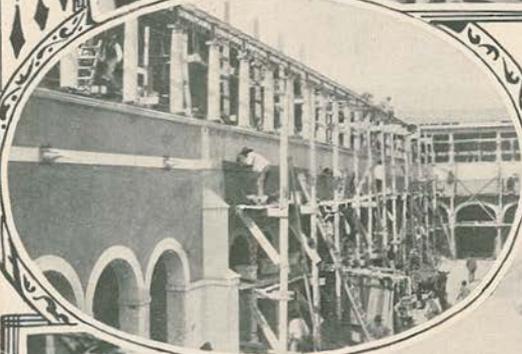


6—Padre Manuel Guimarães, reitor do Colegio dos Orfãos. 7—Grupo de internados do Colegio dos Orfãos do Porto, fundado por Baltazar Guedes e onde ha dias foram distribuidos os premios instituidos pelo benemerito Manuel Rodrigues semide.

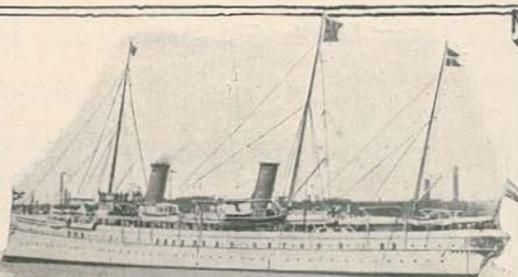
mente á hora em que se fizeram as observações para determinar a posição do navio, e foi por ellas que sa e cativante lembrança enviada ao *Seculo* pelos que iam alegre e tranquilamente sobre as aguas do mar.



Na Escola d'Arte de Representar continuam os progressos dos alunos a manifestarem-se como bem se afirmou agora por ocasião das suas provas publicas no teatro do edificio.



1—O examé os alunos do 2.º anno da Escola d'Arte de Representar em que foram recitados trechos do «Oedipo», «Cãmænea», «Inez de Castro» e «Hamlet». 2—Um trecho das reparações no quartel da Junqueira. 3—A homenagem dos officiaes do ultramar ao director geral das colonias, sr. Freire d'Andrade—(Clichés de Benollet)



1—A entrevista do imperador da Alemanha Guilherme II. 2—O hiate imperial alemão «Hohenzollern». 3—O czar da Russia Nicolau II. 4—O hiate imperial russo «Standard». 5—General Julio Roca, novo ministro argentino no Rio de Janeiro.



A cordealidade entre a Russia e a Alemanha foi afirmada depois da entrevista nas aguas do Baltico, a bordo do *Standard*, entre os dois imperadores tendo assistido os ministros dos estrangeiros dos dois paises. A bordo do *Hohenzollern* os dois soberanos tiveram tambem outra entrevista ta de carater secreto.



O ministro escolhido pela Argentina, a fim de a representar no Brazil é o general Julio Roca antigo presidente da Republica e que foi ha tempo muito festejado Rio de Janeiro.

6—General Elias José Ribeiro, novo general comandante da 1.ª divisão militar. 7—O ministro da Russia em Lisboa no dia da entrega das suas credenciaes ao presidente da Republica. (lliches de Benolle)

# O PRESIDENTE DA REPUBLICA NO DIA DO SEU ANNIVERSÁRIO



S. Ex.ª o Presidente da  
Dr. Manuel

Republica Portuguesa,  
de Arriaga.

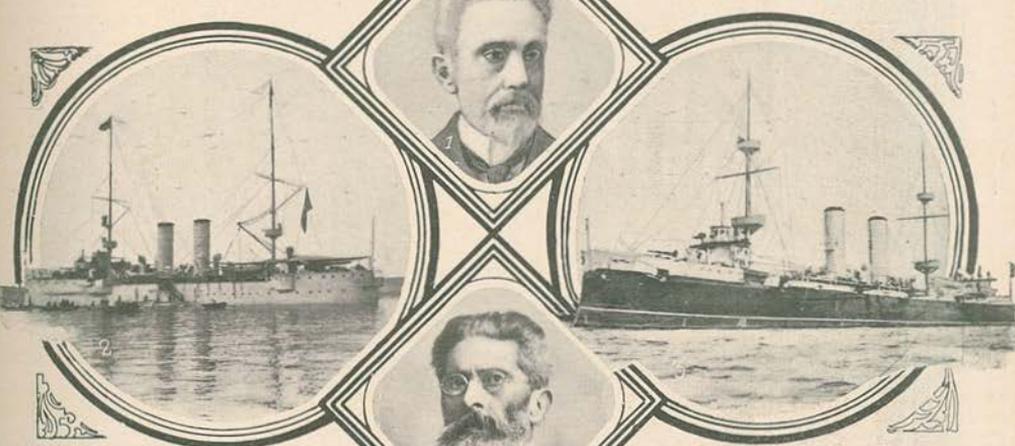
O homem ilustre que preside aos destinos da nação fez em 8 de julho 73 anos. Foi esse um dia de jubilo em que acorreram a cumprimentar o sr. dr. Manuel d'Arriaga os poderes do Estado, o corpo diplomatico, os seus admiradores e amigos

pessoaes levando-lhe a expressão sincera do seu respeito, da sua simpatia e da veneração por quem tão nobremente tem desempenhado o alto cargo que melhor não podia ter sido confiado pelos representantes da nossa querida patria.

# A SEGUNDA INVASÃO DE PAIVA COUCEIRO

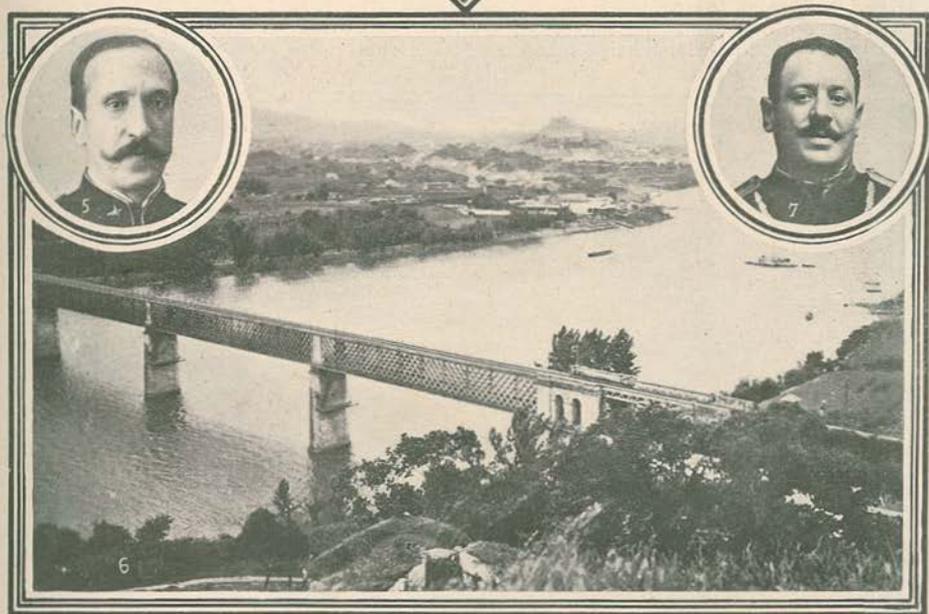
Os realistas, que se albergavam em Hespanha, fizeram em 6 de junho a sua segunda incursão, aparecendo ao mesmo tempo na ponte de Valença sob o comando do ex-tenente da armada Vitor Sepulveda, Monta-

Diante de Valença, que esteve cerca-da, o capitão Lebre da guarda fiscal tomou a ofensiva, fazendo retirar o inimigo pela ponte internacional morrendo muitos couceiristas, cujos cadaveres andaram boian-



legre onde o proprio Couceiro dirigia as operações e Vila Verde, visinha de Chaves.

do no rio Minho. Sepulveda entrou em Hespanha ferido n'uma perna, sendo os seus homens



1—Capitão de mar e guerra, Almeida Lima. 2—O cruzador «Vasco da Gama» que partiu para o Porto com 300 praças e metralhadoras sob o comando do capitão de mar e guerra sr. Almeida Lima. 3—O cruzador «Almirante Reis» que partiu para o norte com forças e metralhadoras. 4—Capitão de mar e guerra Azevedo Gomes comandante do «Almirante Reis». 5—Capitão José da Fonseca Lebre, da Guarda Fiscal, que bateu o ex-tenente Sepulveda. 6—Trecho de Valença vendo-se a ponte internacional por onde fugiram os realistas. 7—Vitor de Sepulveda, ex-tenente da arma-la, que cercou Valença e foi obrigado a retirar pela ponte internacional diante das forças republicanas, ferido gravemente.



1—A ponte sobre o Cavádo, entre Barcelos e Barcelinhos, que os couceiristas fizeram saltar. 2—Rodrigo Soriano, deputado republicano hespanhol que de Chaves telegrafou a Canalejas narrando que os realistas tinham impedido a passagem do seu automovel em terras de Hespanha. 3—O tenente do estado-maior Maia Magalhães, que ficou ferido n'uma perna quando as tropas republicanas atacavam valentemente os couceiristas.



desarmados pela guarda civil. Couceiro enviou um *ultimatum* á guarnição de Montalegre que não se rendeu, marchando então sobre Chaves onde se travou um combate comandando os nossos o capitão de cavalaria Custodio de Oliveira e que durou das 9 da manhã ás 14 horas entre 170 praças de cavalaria 6, infantaria 19 e guarda fiscal contra 500 conspiradores que traziam esplendidas metralhadoras. Ficaram feridos os officaes do 19, Carvalhal e Macedo e Maia Maga-

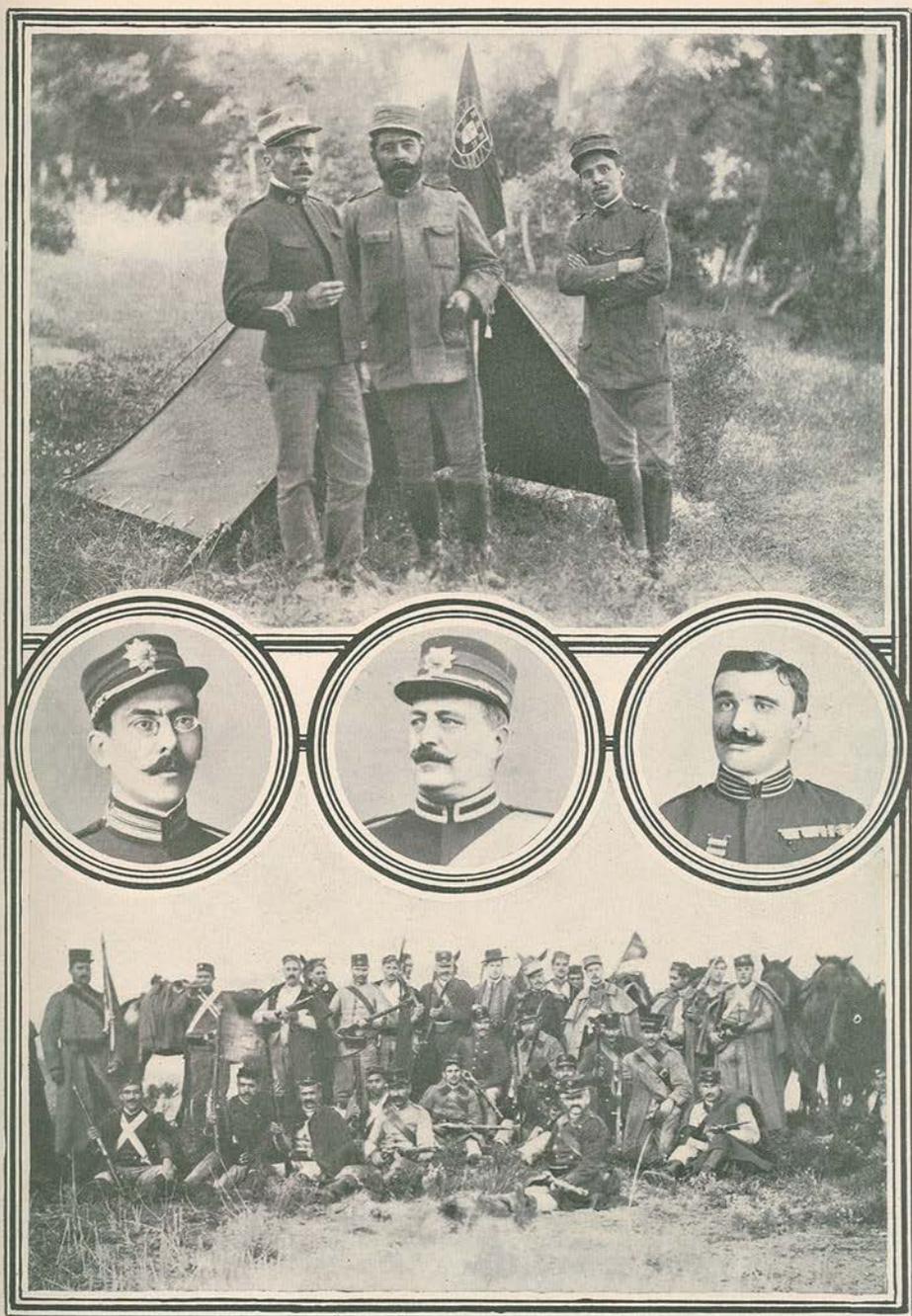
lhães, do estado maior, sendo aprisionado D. João d'Almeida com muito armamento, equipamto e munições.

Em Cabeceiras de Basto, que foi bloqueada, fuzilaram o administrador do concelho sr. Barreto de Magalhães e em Celorico de Basto o administrador, dr. Rodrigo Salgado, ficou na casa da camara enquanto quasi todas as pessoas gradadas da terra fugiam.

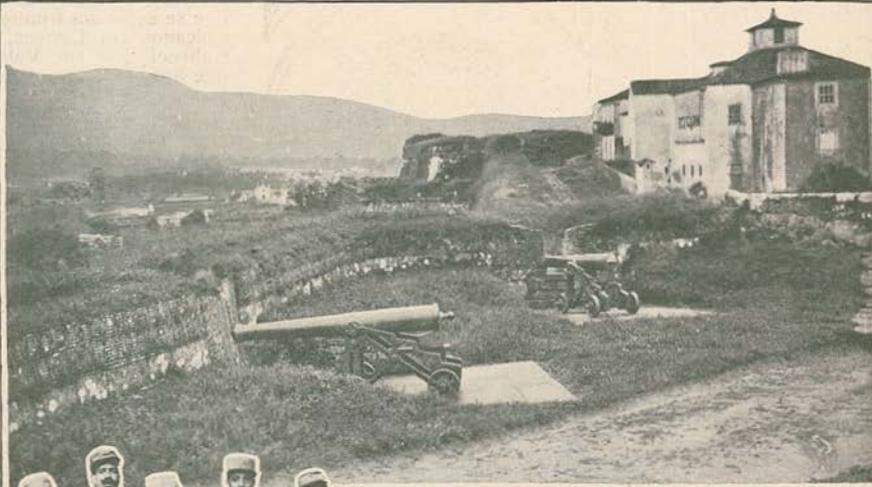
Por outras



4—Montalegre que Paiva Couceiro pensava em atacar passando-lhe porém nas proximidades e indo de Padorneiros para Gralhas e depois em direção de Soutelinho e Chaves.



1—Os officiaes no acampamento de Vinhaes: Da esquerda para a direita: tenente da guarda fiscal Iglesias, administrador do concelho David Ferreira e alferes de cavalaria Rebocho. 2—Manuel Martiniano de Oliveira Marreca, official de cavalaria que atacou as forças realistas no combate de Chaves. 3—Nuno Augustio de Avelar Pinto Tavares, tenente de cavalaria, que ficou ferido na espinha no combate de Chaves. 4—Ex-capitão Jorge Camacho, comandante d'uma coluna realista que atacou as cercanias de Chaves, onde foi rodeado pelas tropas republicanas. 5—Soldados de cavalaria 6 e guarda fiscal que occuparam a posição do Monte de Pinheiro e os officiaes comandantes dos mesmos. —(Clichés Anselmo Dias)



1—Trecho de Valença que os realistas atacaram.



Em diversas cidades do paiz foram feitas prisões d'alguns individuos acusados de implicação no movimento que não encontrou o êco pelos realistas desejado. Por toda a parte se fizeram manifestações de regosijo, destacando-se Lisboa e Porto onde o entusiasmo foi delirante sendo acometidos pelo povo alguns individuos que se mostravam hostis ao regimen.

Partiram para o norte, além dos cruzadores *Vasco da Gama* e *Almirante Reis* com companhias de desembarque e metralhadoras, um esquadrão de cavalaria 4 e uma bateria de



2—A officialidade de infantaria 5 que partiu para o norte.  
3—Cavalaria regressando de Vila Verde, proximo de Vinhaes, onde fôra fazer um reconhecimento quando da segunda tentativa de Paiva Couceiro.

terras visinhas da raia, como Caminha e Barcelos, fizeram saltar pontes com dinamite, levantando-se o povo á voz d'alguns padres.

artilharia 1 e os regimentos de infantaria 5 e 16.

As tropas da Republica portaram-se valentemente em todos os encontros, praticando-se verdadeiros atos de heroismo e por todo o paiz a noticia das vitorias alcançadas causavam tanto entusiasmo que os ci-

versas terras, sendo indiscreto a alegria á medida que se sabia dos triunfos alcançados em Chaves, em Cabeceiras e em Valença que honraram as nossas armas.

Em Lisboa o grupo *Pró Patria* organisou uma manifestação que percorreu as ruas entre vivas e palmas,



1—Dr. Antonio Rodrigues Salgado, administrador do concelho de Celorico de Basto, que resistiu heroicamente no seu posto, quando os invasores alli proclamaram a monarquia, prendendo-o para o fuzilar.



2—O administrador de Vinhães alferes David Ferreira.

dadãos se felicitavam uns aos outros por aquelas derrotas infligidas aos inimigos do regimen. Bandas de musica percorriam as ruas em di-



3—O tenente-coronel May que foi encarregado de defesa de Montalegre.

ao som da *Portuguesa* entoada em côro e que foi na noite de 9 de junho felicitar o governo pelas vitorias e saudar o ministro da Bel-



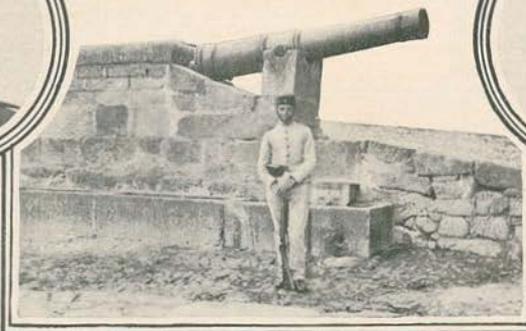
4—Chaves: O marco milharo romano junto á ponte. 5—Tenente José Cortez dos Santos, comandante de bateria de Evora que foi para o norte. 6—Coronel Brito Gorjão, comandante interino da divisão do norte. 7—Tenente Luiz Augusto dos Santos Guerra, comandante das forças do 23. de Coimbra, que foram para o norte.



- 1—Alexandrino José de Macedo, capitão de infantaria ferido no combate de Vinhaes.  
 2—Capitão de Cavalaria 6, Custódio Alberto de Oliveira, comandante das forças de Chaves que derrotaram Paiva Couceiro e aprisionaram D. João d'Almeida.  
 3—Tito d'Oliveira, ferido no combate de Chaves



gica pela atitude digna tomada pelo seu governo na apreensão



das armas destinadas aos couceiristas.



- 4—Azevedo Lobo ex-tenente de cavalaria, um dos chefes couceiristas que entrou em Portugal 5—Na praça de Chaves 6—Faixa Couceiro. 7—Panorama de Chaves—(Clichés de Benolle)

# A parada agricola e industrial em Famalicão

Em junho findo realisou-se em Vila Nova de Famalicão, pitoresca povoação servida pela linha ferrea do Minho, entre as cidades do Porto e Braga, um interessantissimo *Certa men* que, pela importancia que atingiu,



era digno de ser visto em qualquer das cidades do paiz.

E' que essa brilhante e proveitosa festa do trabalho pertence ao numero das que mais póde aproveitar aos nossos agricultores e industriaes porque representam ensinamento e estimulo a estas forcas vivas da nação.

As «Paradas Agricolas» são já, por assim dizer, tradicionaes no concelho de Famalicão, pois é a terceira vez, e sempre com grande brilhantismo, que ali se realisam, no mez de junho. Este ano tomaram parte na parada 16 carros alegoricos á Agricultura e á Industria local, sendo a maioria d'elles de um belo effeito.

O carro da Associação de Agricultura de Famalicão era muito aparatoso; conduzia maquinas e utensilios agricolas, artisticamente dispostos. No alto, uma graciosa rapariga, empunhando uma *ceifeira*, representava a «Agricultura». Levava diversas creanças vestidas de lavradores, que iam distribuindo a «Lavoura do Minho», orgão da Associação de Agricultura. O carro da Associação Commercial e Industrial de Famalicão simulava uma grande barca, de cuja prôa irrompia uma figura allegorica da «Fama». O tombadilho ia repleto de fardos, sacos, caixas e baris com as marcas de todas as casas commerciaes que d'esta vila exportam productos. A meia nau erguia-se um elegante obelisco encimado pelo emblema do Comercio. Era tripulado por gentis creanças que distribuiam prospectos commerciaes e conduzia uma figura allegorica da «Industria». O carro das Azenhas foi apresentado pelo sr. Duarte de Menezes, um dos mais illustros lavradores d'este cncelho, e que pelos trabalhos



1, 2 e 3—Sr. dr. Rodolfo Agular, sr. Alfredo Costa e sr. Duarte de Menezes, membros da comissão organisadora da parada, sendo os dois ultimos os que mais trabalharam para o brilhante exito que teve e estão já tratando da exposição agricola de 1913.

4—«Carro das Azenhas» apresentados pelo sr. Duarte de Menezes.

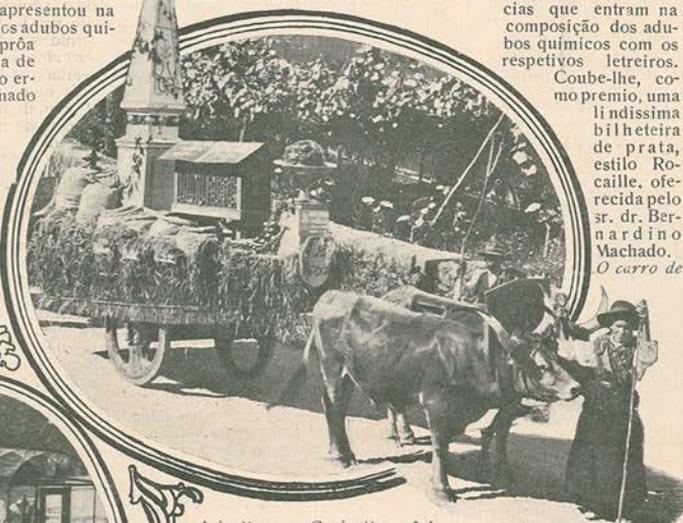
agricolas tem verdadeira paixão. Este carro, um dos mais pitorescos que se apresentaram, representava uma azenha movida a agua, com o seu moleiro devidamente enfarinhado. Nenhum detalhe faltava a este carro que, para ser completo, até as mós eram de pedra. Foi-lhe conferido o 1.º premio, medalha d'ouro, e um escarolador de milho, oferecido pela Associação de Agricultura. O carro do Moinho, era um enorme carro, muito in-

teressante, representando um moinho a que não faltava sequer um autentico jumento, em carne e osso, carregado de sacos de farinha. Foi pintado por um cenografo do Porto. Fazia *réc-amo* ao *nitrato de sodio* de que são representantes em Portugal os srs. E. Pinto Basto & C.ª, de Lisboa, representados no concelho de Famalicão pelo sr. Antonio Cristino, dislinto viticultor. Obteve classificação especial, medalha d'ouro e diploma d'honra,

sendo também conferido ao sr. Cristiano uma plaquette. O carro dos adubos químicos era um dos três carros que o sr. Alfredo Costa, inteligente e ativo agricultor, sócio da casa Portela & Comandita d'aquela vila apresentou na «Parada». Fazia réclamo aos adubos químicos e representava a proa d'um barco, feito de palha de centeio. Ao meio do carro erguia-se um obelisco encimado por uma radiante figura do Sol espargindo os seus raios creadores por sobre uma grande taça dourada, cheia de frutos. Este carro levava um espigueiro dividido em dois compartimentos; um d'estes ia cheio de magnificas espigas de milho e tinha esta legenda: *lavrador que*

*emprega os produtos químicos tem o espigueiro cheio. No outro compartimento viam-se umas minguaudas e raquíticas espigas e lia-se esta outra legenda: *lavrador que não emprega os produtos químicos tem o espigueiro vazio.** Em volta do carro viam-se sacos contendo todas as substancias que entram na composição dos adubos químicos com os respectivos letreiros.

Coube-lhe, como premio, uma lindissima bilheteira de prata, estilo Rocaille, oferecida pelo sr. dr. Bernardino Machado. O carro de



*Avicultura e Canicultura* foi igualmente apresentado pelo sr. Alfredo Costa e conduzia galinhas das raças Orpington, Plimouth Rock, Cochinchina, Minorca, etc., assim como alguns coelhos francezes. Obteve uma medalha e um premio pecuniario de 10\$000 réis. *Carro da Industria*, apresentado pela casa Portela & Comandita, de Famação, negociantes de adubos químicos e fabricantes de maquinas agricolas. Era um carro de grandes dimensões e muito vistoso. Conduzia arados, esmagadores d'uvas, prensas vinicolas, bombas de trasega, tararas, etc., fabricados por aquela casa. No fundo do carro abria-se um *portico* muito ornamental onde ia uma galante rapariga empunhando a bandeira do trabalho, da qual pendiam diversas medalhas que a casa expositora tem obtido nas diferentes exposições a que tem concorrido. Foi-lhe conferido o 1.º premio do grupo industrial, que constava de medalha d'ouro e uma riquissima queijeira de prata e cristal, oferecida pela Associação Central de Agricultura Portugaluza, de Lisboa.

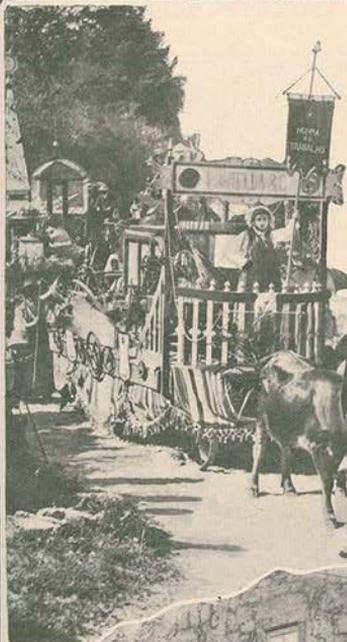
Além d'estes carros havia muitos outros de que se nos torna impossivel dar noticia detalhada, como dois muito grandes que representavam a *esfolha do milho* e a *machada e timpa de centeio*, trabalhos que foram postos em cena



1—«Carro dos adubos químicos», apresentado pelo sr. Alfredo Costa. 2—«Carro da avicultura» apresentado pelo sr. Alfredo Costa. 3, 4 e 5—Srs. Bouças Junior, Jaime Valongo e Joaquim M. Pinto, membros da comissão organisadora da parada.

com admiravel pormenorisação. Pertenciam aos considerados agricultores, srs. Barros de Faria e Antonio

Brandão. Apresentaram-se mais os seguintes carros: *Carro da tipografia Minerva*, pertencente ao sr. Pinto



de Souse & Irmão, que teve o 2.º premio: *carro da fre-  
guezia de Casteões*, que fazia a propaganda de adubos  
químicos e teve como premio um lindo relógio d'ouro,  
oferecido pela casa O. Herold & C.ª; *Carro de Cortu-  
mes*, *Carro da Creação*; *Carro Arco de Noé*, pertencente  
ao sr. Camilo Freitas e premiado com 10\$000 e *Carro  
dos Caçadores*. Alguns carros eram puxados a 3, 4 e 5  
juntas de magníficos bois. Foram distribuídos diversos pre-  
mios pecuniários ao melhor gado de trabalho, de engorda e  
de leite que apareceu na «Parada».

O júri que conferiu os prémios era composto pelos srs. Agos-  
tinho Correia Pereira, agrônomo do distrito de Braga; Leonel  
Carmona, intendente de pecuária do distrito de Braga; e Eduar-  
do C. Larcher Marçal, diretor do Asilo-Es-  
cola Agrícola de Barcelos.

O sr. Estevam de Vasconcelos, illustre  
ministro do Fomento, á data da «Parada»,



1—«Carro da Industria», apresen-  
tado por Portela & C.ª 2—Carro  
da Associação Commercial e In-  
dustrial.

concedeu o subsidio  
de 80\$000 réis para  
esta festa do  
trabalho e a  
camara municip-  
al de Famalicao deu 20\$000  
réis.

Diversas as-  
sociações e en-  
tidades locais  
o fereceram  
premios, bem  
como a Asso-  
ciação Central  
de Agricultura  
Portuguesa, o  
sr. dr. Bernar-  
dino Machado  
e a casa O. He-  
rold & C.ª, de

Lisboa.

As honras da orga-  
nisação d'este magnifico  
*certamen* cabem aos srs. Alfre-  
do Costa, Duarte de Menezes,  
M. Pinto de Sousa, Jaime Va-

longo, Joaquim M. Pinto, Antonio Brandão, M. Bouças Junior, Dr. Rodolfo Aguiar, Guilherme Carva-  
lho e Sousa Veloso.

Satisfeitissimos com o pleno exito obtido este ano pela «Parada», já pensam alguns famalicenses em  
levar a cabo em setembro de 1913 uma grande exposição agricola e industrial, pois está por demais  
provado que o laborioso concelho de Famalicao dispõe de elementos bastantes para que o novo *certa-  
men*, em projeto, resulte brilhantissimo.

# EXPLOÇÃO DE DINAMITE NA COSTA DO CASTELO



1—Aspêto do prédio n.º 41-A, da Costa de Castelo, onde se deu a explosão. 2—Aspêto da fachada do prédio. 3—As tralhas do prédio onde se deu a explosão. 4—O cadáver de Antonio Augusto da Cunha entre os escombros. (Clichés de Benoliel)

Na casa n.º 41-A da Costa do Castelo, quando o conspirador monárquico Antonio Augusto da Cunha trabalhava na fabricação de bombas de dinamite, deu-se uma explosão de que ele foi vítima recolhendo ao hospital oito pessoas feridas.

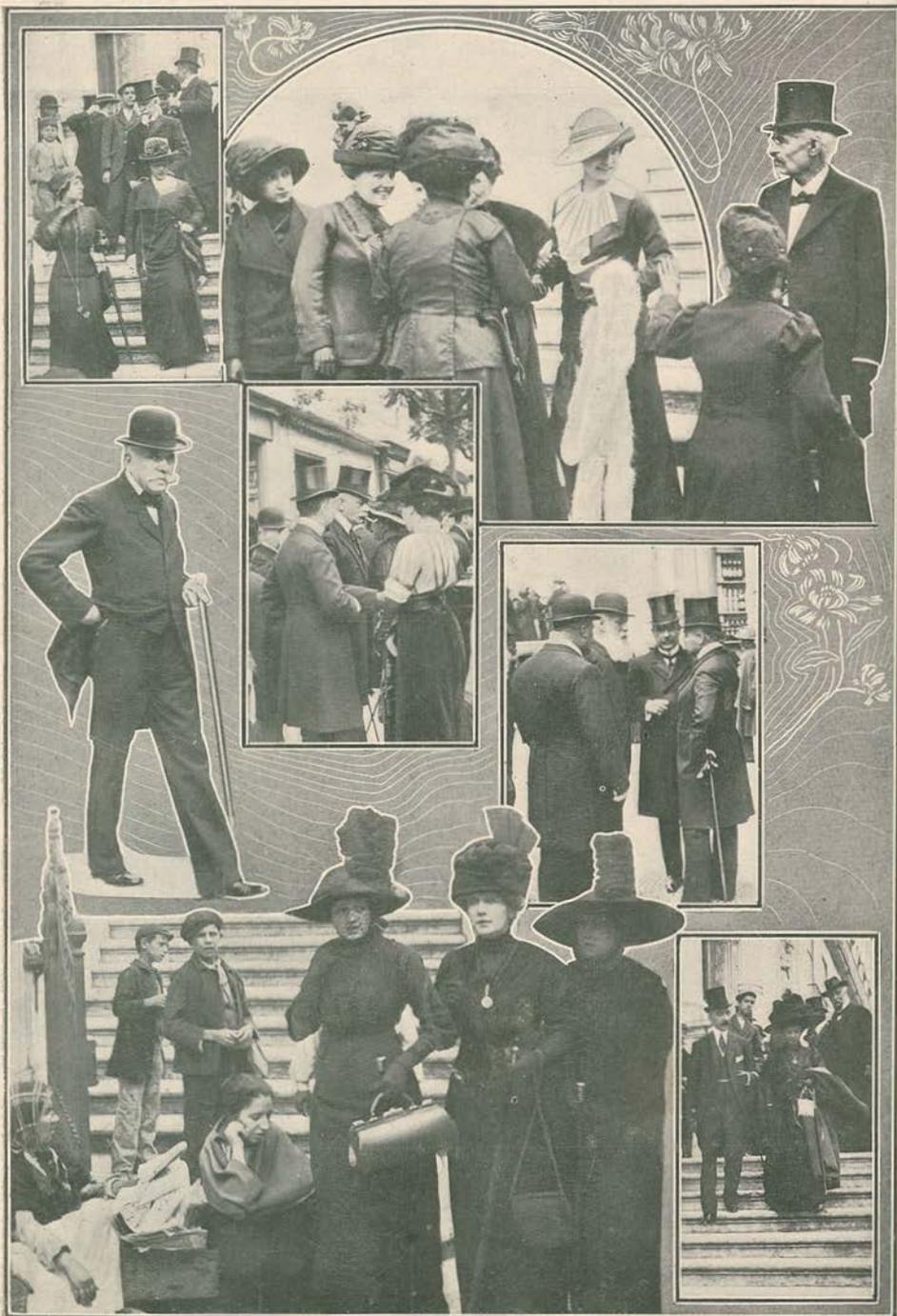


# D. Maria Pia de Saboia

A MISSA COMEMORATIVA DO PRIMEIRO ANIVERSARIO DO SEU FALECIMENTO



1—A igreja do Loreto á hora de começar a cerimonia. 2—A' entrada do Loreto. 3—A sr.<sup>a</sup> marquesa d'Unhão, antiga dama de D. Maria Pia, saindo da igreja. 4—O velho marquez d'Alvim á saída da missa. 5—Saindo do Loreto.



1—Sr. Leopoldo de Gouveia á saída do Loreto e o sr. Luiz Trigueiros. 2—Fim da missa, Jornaes e esmeas. 3—O sr. Campos Henriques. 4—O sr. conde de Tarouca n'um grupo. 5—Depois da missa no Chiado. 6— D. Maria José Teles da Silva n'um grupo de senhoras. 7—O sr. João Bregaro saindo da igreja com uma senhora da sua familia—(Clichés de Benolle)

# ULTIMOS VERSOS DE SOUZA VITERBO

Houve uma chuva de estrelas  
Na noite em que tu nasceste;  
Todas elas se apagaram  
E só tu permaneceste.

# TOADAS POPULARES PREFACIO DO SR ALFREDO DA CUNHA

Foste accusar-me á justiça,  
Foi injusta a accusação,  
Pois quando tentei reubar-te  
Já não tinhas coração.

Vou fazer meu testamento,  
Mas só poderei legar  
A lembrança dos desgostos  
Que tu me fazes passar.

Não tenho medo de nada,  
Desafio o mundo inteiro,  
Só teus olhos me reduzem  
A' mansidão do cordeiro.

Fui á casa dos penhores  
Empenhar as tuas juras,  
Mas ninguém quer dar dinheiro  
Por coisas tão mal seguras.

Coveiro que estás abrindo  
Tantas, tantas sepulturas,  
Por que não abres a cova  
Para as minhas desventuras?

As estrelas não enganam  
No seu rumo os navegantes ..  
Ai de quem tente guiar-se  
Por teus olhos inconstantes!

Se Deus quizesse algum dia  
O sete-estrela aumentar,  
Bem sei onde ele viria  
A' terra estrelas buscar.

Não és tu que andas á moda,  
Ela é que anda a teu sabor;  
Quando mudas de vestido,  
Já tens mudado de amor.

Amo muito e soffro muito,  
Mas calo o que em mim se passa,  
Porque temo que me invejem  
As causas d'esta desgraça.

Passar pela tua porta,  
Não sentir o teu encanto,  
Vale o mesmo que ir a Roma  
E não vêr o Padre Santo.

Ninguém engana o destino,  
Ninguém foge ao seu fadario...  
Eu não receio o suplicio,  
Sendo tu o meu Calvario.

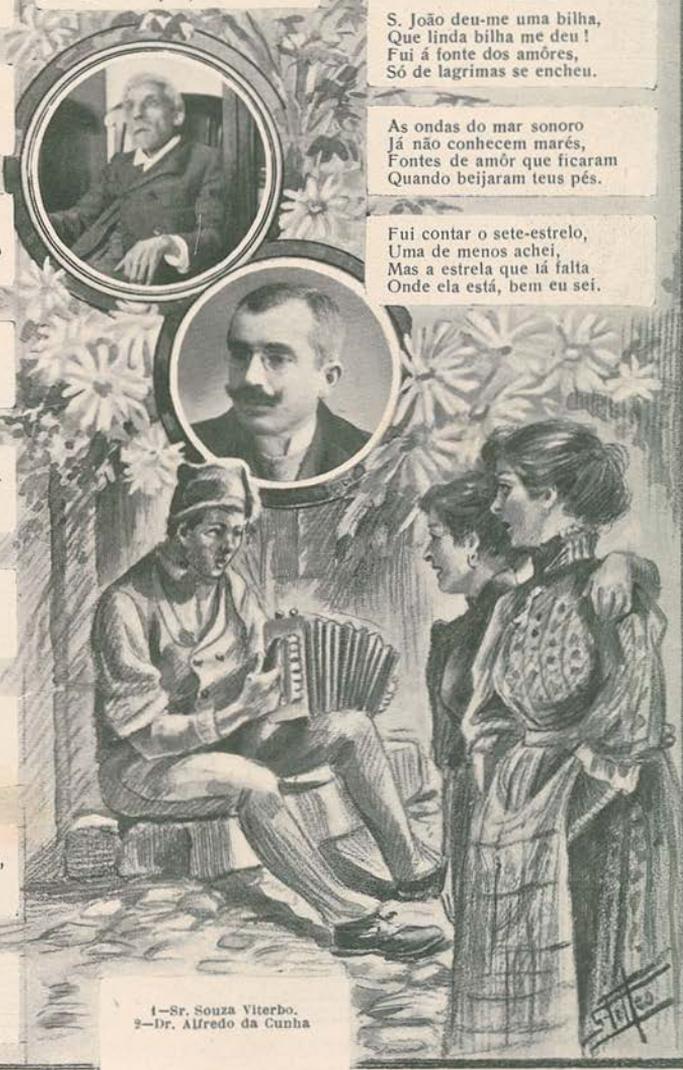
Eu sou a roseira brava,  
Mas não maltrato ninguém;  
Quem se fere em meus espinhos,  
Lá sabe a culpa que tem.

Hontem era meio dia  
E julguei ser pôr do sol:  
A tua voz iludiu-me,  
Era mesmo um rouxinol.

S. João deu-me uma bilha,  
Que linda bilha me deu!  
Fui á fonte dos amôres,  
Só de lagrimas se encheu.

As ondas do mar sonoro  
Já não conhecem marés,  
Fontes de amor que ficaram  
Quando beijaram teus pés.

Fui contar o sete-estrela,  
Uma de menos achei,  
Mas a estrela que lá falta  
Onde ela está, bem eu sei.



1—Sr. Souza Viterbo.  
2—Dr. Alfredo da Cunha

# TIPOS AÇORIENS

Os Açores são, sem duvida, o retallo mais belo, mais tipico, da terra portugueza que podemos encontrar por esse oceano fóra. Não são apenas as suas rochas, os seus lagos, os seus vestigios vulcanicos, a sua flora variada e pujantissima que atraem e encantam o via-

jante; são os seus usos e costumes, rarissimas vezes parecidos com os do continente, são os tipos formosissimos de mulher e os tipos curiosissimos de homem que ali abundam e que nos detemos a contemplar extasiados como exemplares humanos privativos d'aquela região abençoada.

A feição do homem de trabalho nos Açores é um mixto originalissimo do lavrador e do marinheiro. Tanto cava a terra e colhe patriarcalmente os seus frutos, como deixa, de um momento para o outro, a enxada e o arado para se largar á aventura pelo mar atraz das baleias,

formadora em que ninguém, por mais indolente, pôde ficar quieto, então os homens dos Açores não se adornam apenas com o nome de *americanos*, deixam crescer a barba, indefinidamente, anafam-na presumidamente, cuidam-na com o esmero, com que um fidalgo dos tempos medievos trazia cuidados os seus pergaminhos e o seu braço d'armas.



Alguns tipos curiosos da ilha de S. Jorge

com o olhar atrevido e as mãos nervosamente agarradas aos remos e aos arpões.

E quando eles andaram pela America, quando se tonificaram n'essa atmosfera agitadissima, poderosa e menie trans-



# CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL NO PORTO



1— Um aspêto da assisten-  
cia.

Promovido pelo Cen-  
tro Hípico do Porto,  
acaba de realisar-se  
n'aquela cidade, no  
Campo de Obstaculos  
do Bessa, um Concurso  
Hípico Internacional,  
para que se inscreve-  
ram alguns dos mais  
afamados cavaleiros do  
nosso paiz, bem como



2—O tenente Barreto saltando a barreira. 3—Um salto do tenente Jara de Carvalho. 2.º premio do «Grande Premio do Porto». 4—O capitão Julio d'Oliveira. 2.º premio da prova «Nacional».

o distinto «sportsman» italiano, príncipe di Zurlo. Foi uma brilhantíssima festa, onde se reuniram

sr. Antonio Maia e a segunda o príncipe Capece di Zurlo.

No quarto dia houve a prova *Debutantes*, cujo primeiro premio foi ganho pelo sr. João Andre-sen.

Seguiu-se o *Grande Premio*, em que foram classificados os srs. Sá Guimarães, Jara de Carvalho, Alto Mearim, tenente Calado, etc.

Na prova *Parellas* foram premiados os srs. Manuel Latino e Pereira Coutinho, Santos Guerra e Feliciano Costa, alferes Abrantes e Tavares Silva, Antonio Calado e Afonso Botelho.

N'esta prova, esteve iminente um desastre grave. Quando a egua *Clematite*, pertencente ao sr. Alto Mearim e montada pelo sr. Delfim Maia, saltava a banqueta entre varas, caiu sobre o cavaleiro, que foi retirado em braços para a enfermaria. Foi

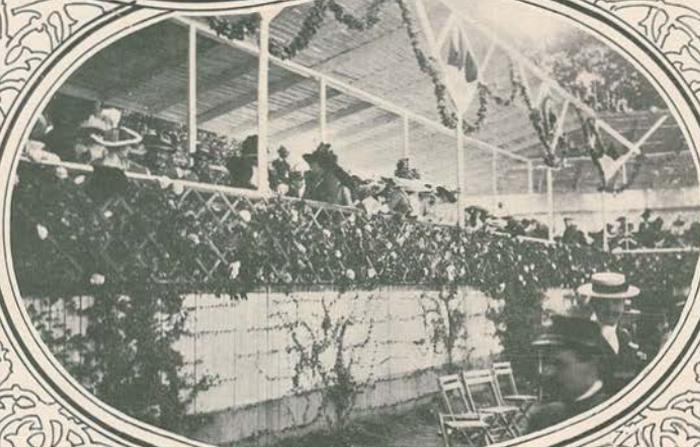
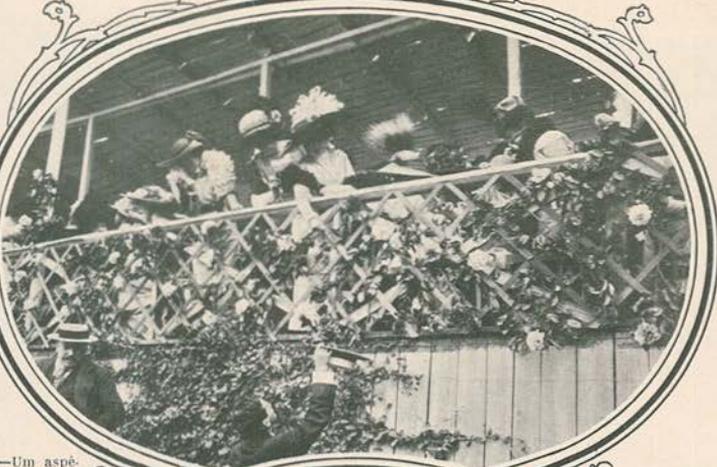
(—Um aspecto da assistencia nos camarotes. —Um bom salto do alferes Latino

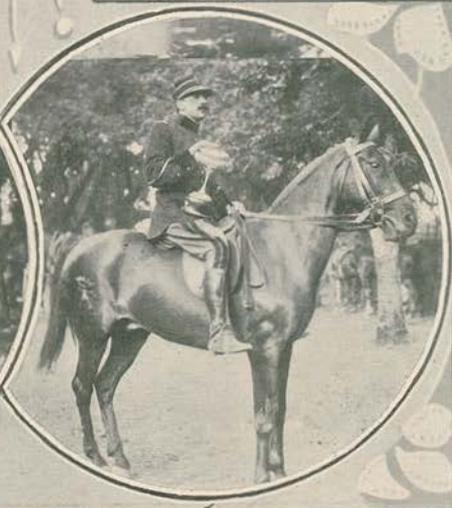
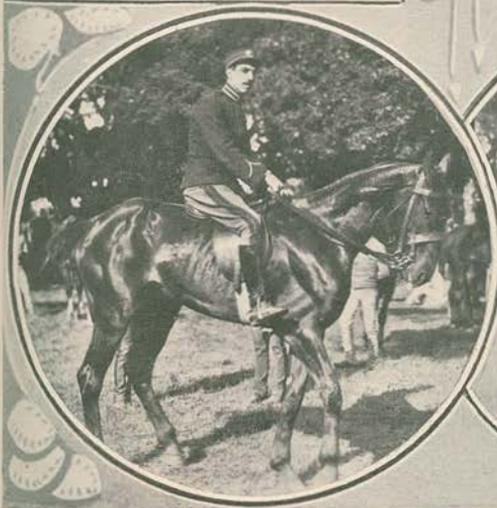
as mais elegantes familias do Porto, e ainda todos os apaixonados por este genero de sport.

No primeiro dia, disputaram-se as provas *Ensaio* e *Omnium*, cabendo os primeiros premios, respectivamente, aos tenentes Pereira Coutinho e Jara de Carvalho.

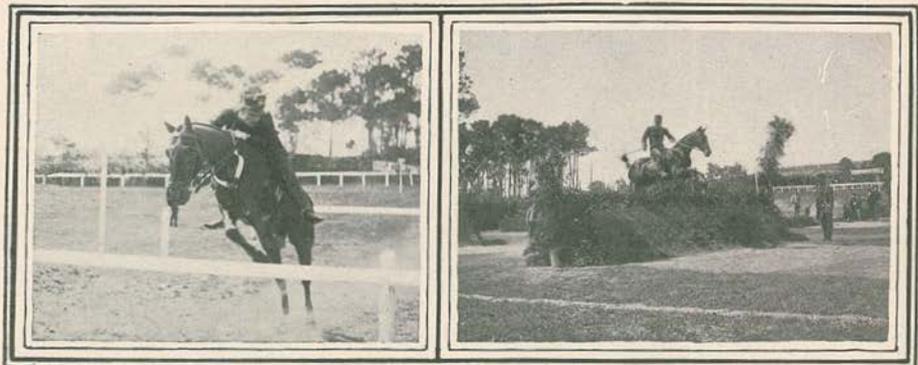
No segundo dia, houve uma *poule á espada* de combate, que decorreu brilhante, cabendo os dois primeiros premios aos srs. Raul Leopoldo dos Santos e Humberto Mendes Correia.

Continuou no terceiro dia o concurso hipico, sendo disputadas as provas *Nacional* e *Caça*, vencendo a primeira o





1—Um trecho da assistência. 2—Sr. João Andresen. 1.º premio da prova «debutantes» 3—Príncipe Capece di Zurlo. 2.º premio no percurso de «Gaça» a cavalo «S. Rubert II». 4—Sr. Antonio de Souza Maia. 1.º premio da prova «Nacionais». 5—Sr. Antonio de Sá Guimarães 1.º premio do «Grande Premio do Porto».—(Cliches de Pereira Cardoso)



1—O alferes Botelho saltando a barra. 2—O tenente Abrantes saltando a banqueta.



3—Um aspéto da assisténcia.

um momento de pânico, não tendo felizmente o desastre consequências lamentáveis.

Este concurso despertou no meio sportivo portuense grande entusiasmo e deu logar a que alguns dos cavaleiros manifestassem a sua pericia, destreza e agilidade. A todas as provas assistiram os srs. governador civil do Porto e general da



4—Um salto de Delfim Maia. momentos antes da queda

(Clichés do sr. Alvaro Martins)

terceira divisão militar.

Alguns dos concorrentes, especializando o capitão sr. Martins de Lima e príncipe de Zurlo, foram frequentemente aplaudidos pela assistência, salientando-se as senhoras portuenses que imprimiram áquella magnifica festa o brilho da sua gentileza e da sua graça.

# REGATA NO PORTO



1—Assistencia á regata



2—A «équipe» de Lisboa proxima á baía  
3—A «équipe» vencedora. 4—Em frente da Quinta das Carvalheiras—Preparando-se para as corridas.



Foi um divertimento cheio de pitoresco essa regata entre o Oport Boat Club e a Associação Naval de Lisboa. Muita concorrência, muita alegria muita animação.

As tripulações eram resistentes e seguras tanto a inglaterra como a nacional e bem o demonstraram na disputa d'essa corrida sensacional que reuniu os sportmans portuenses.

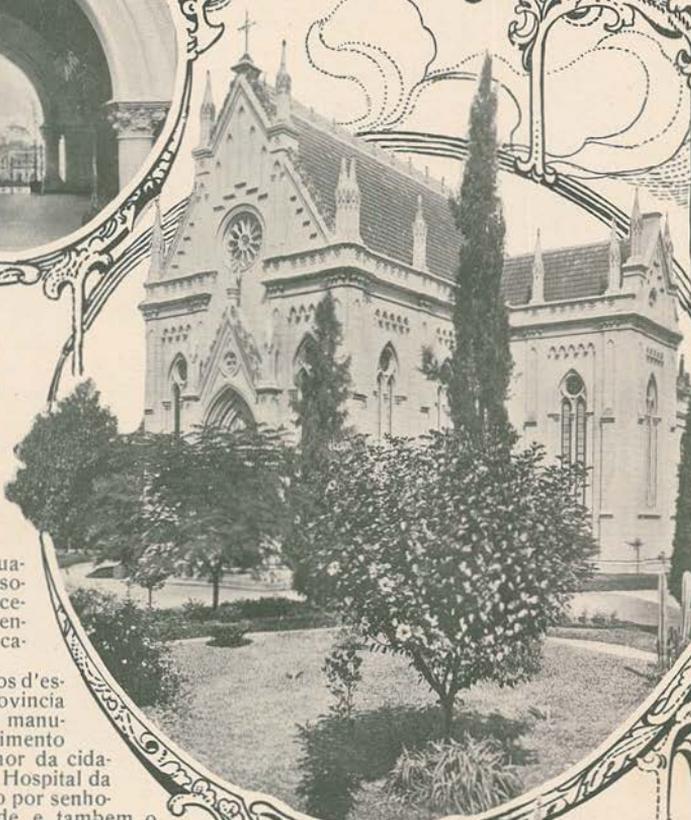
Este genero de desafios em que ha sempre galhardia de lado a lado, anciedade de dar renome aos respetivos clubs, são excelentes provas para o desenvolvimento fisico e oxalá que d'isso se compenetrassemos porque praticando-as muito contribuiriamos para o desenvolvimento da raça.

# HOSPITAL DE S. PAULO



O hospital de S. Paulo é um modelo. Não é só a sua arquitetura que encanta, mas a amplitude das suas salas, a magnífica disposição de todas elas e os excelentes aparelhos cirúrgicos ali usados. Tem camas para quatro mil doentes, fornece quatorze mil receitas e socorre ainda os encarcerados n'uma assistência cheia da maior caridade.

Os principaes vultos d'essa fertilissima provincia contribuem para a manutenção do estabelecimento de caridade, o melhor da cidade, onde ha ainda o Hospital da Maternidade mantido por senhoras da alta sociedade e tambem o Hospital dos Portuguezes, destinado aos membros pobres da nossa colonia. S. Paulo é, como se vê pela assistencia aos humildes, uma das mais generosas cidades da grande republica.



1—A entrada principal do hospital. 2—A capela do hospital. 3—Santa Casa da Misericórdia de S. Paulo: Hospital Central. Fachada principal.